

POSTANDO E APRENDENDO: O USO DE *BLOGS* NA EDUCAÇÃO COM ÊNFASE NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*Marcus Vinícius Liessem Fontana*¹

*Vanessa Ribas Fialho*²

RESUMO

A geração de estudantes que chega hoje à sala de aula vive em uma sociedade dominada pelas modernas tecnologias de comunicação e informação (TICs), é o que Veen e Vrakking (2009) chamam de geração *Homo Zappiens*. São jovens que não se contentam com as aulas tradicionais e clamam por usar na escola aquilo que lhes é tão familiar e significativo no dia a dia, como os recursos da Internet, por exemplo. Deste ponto de vista, o uso de *blogs* na educação, mais especificamente no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, mostra-se uma saída interessante em termos de recursividade e motivação. Neste artigo, discutimos as possibilidades de uso dos *blogs* para ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, elencando algumas maneiras de utilizá-los que sejam significativas para os alunos e que possam ser aproveitadas pelos professores com fins didáticos concretos. Além disso, levamos a discussão também a um nível técnico, mostrando, de forma simplificada, algumas ferramentas que permitem a criação de *blogs*, e as possibilidades de integração de diferentes mídias, como áudios e vídeos. Por fim, concluímos dando ênfase à importância de o professor adaptar-se aos novos tempos em que vivemos, tornando-se capaz de mudar sua prática pedagógica para alcançar a quem realmente nos interessa como educadores: o aluno.

Palavras-chave: Tecnologias. *Blogs*. Educação. Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

INTRODUÇÃO

Inicia-se a década de 1970 no Brasil. Sob o punho de ferro de Médici, a ditadura militar assume ainda mais força no país. Aterrorizado, o povo se cala. Os meios de comunicação são sujeitos a uma severa censura. As poucas vozes que se animam a ensaiar uma reação são esmagadas sem contemplações de qualquer espécie. São os anos de chumbo. A educação brasileira reproduz o modelo social. Nas universidades, cursos são fechados, professores são presos e torturados, e estudantes são doutrinados a aceitar as verdades incontestáveis ensinadas pelos professores que se renderam ao sistema. Sentados em fileiras, com nada mais para ver que a nuca do colega imediatamente à frente e a figura de autoridade do mestre sobre o velho estrado ditando suas palavras de sabedoria; sem direito a voz e com duras restrições ao livre arbítrio, os estudantes brasileiros assemelham-se à recorrente imagem dos carros na linha de montagem fordista: peça a peça, são construídos (não se constroem) para seguir o modelo determinado pelo governo.

Os tempos mudaram. A duras penas a ditadura se foi e o Brasil, independente de nossas crenças políticas, a cada dia, se integra mais e mais à aldeia global, tornando-se peça importante na economia e na política internacionais, mostrando-se exemplo de país integrador de diferenças e sendo apontado pela comunidade internacional como potência emergente. Na sala de aula, contudo, se vê, de maneira geral, uma insistência no modelo fordista ou modelo bancário, como prefere Freire (1987). Professor e quadro negro à frente, alunos dispostos em fileiras, aulas expositivas. Falta apenas o estrado que colocava o professor num ponto mais alto da sala de aula, marcando visualmente a relação vertical. Em alguns lugares, porém, o estrado ainda está lá, como fantasma indesejável de uma época que insiste em nos assombrar.

A grande questão que se apresenta diante deste quadro é que o aluno que temos hoje na sala de aula não é o mesmo que tínhamos na década de 1970. O aluno moderno tem acesso livre a diferentes canais de televisão com programação variada – nem sempre inteligente ou sequer adequada, é verdade, mas isso é outra discussão –, maneja com perícia o telefone celular enviando mensagens SMS a velocidades próximas à da luz, navega pela Internet com uma facilidade que espanta

a nós, os mais velhos, e isso apenas para citar alguns exemplos. Sequer se pode usar a desculpa de que estudantes de comunidades desfavorecidas economicamente não têm este tipo de contato com a tecnologia, pois em qualquer escola de periferia é raro um aluno sem seu celular na mochila ou que não tenha acesso à rede mundial de computadores, ainda que seja através de uma *lan house*.

Atentos a isso, pesquisadores no mundo todo procuram encontrar uma solução para a equação que relaciona nossos jovens estudantes à educação e ao uso de tecnologias. Para o canadense Don Tapscott e o britânico Anthony D. Williams, autores do livro *Wikinomics*:

[...] a nova web é o hábitat natural de uma nova tropa de colaboradores chamada de “Geração Net”. Para eles, a web não é uma biblioteca – um mero repositório de informações ou um lugar para fazer compras via catálogo –, mas a nova cola que une as suas redes sociais. (TAPSCOTT e WILLIAMS, 2007, p.51)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, os holandeses Wim Veen e Ben Vrakking (2009) propõem a expressão *Homo Zappiens* para definir a geração nascida junto e após a popularização da Internet, na década de 1990. A associação com a expressão inglesa *zapping*, que remete à troca incessante de canais de televisão pelo controle remoto, quer fazer lembrar que essas crianças e jovens que cresceram na era digital estão acostumados com o acesso rápido à informação, que lhes chega de forma vertiginosa, e que têm pouca paciência para ficar horas sentados em uma cadeira pouco confortável ouvindo a prédica muitas vezes monótona do professor.

Diante desta realidade não é com certo atraso que a educação se vê frente ao desafio de incorporar essas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) ao seu dia a dia. Antes vistas como inimigas e até mesmo como elementos estupidificantes das massas, a TV, o videogame e a Internet gradativamente assumem papel importante na educação (Johnson, 2005; Veen e Vrakking, 2009). No que diz respeito à Internet, seu uso se amplia consideravelmente com o advento da chamada Web 2.0, com suas múltiplas ferramentas interativas e colaborativas. Marcuschi (2005), por exemplo, ao discutir o suporte de gêneros textuais, define a Internet como um suporte que agrupa e conduz diversos formatos de gêneros, afirmando que a rede mundial de computadores contém todos os gêneros possíveis,

entre os quais está o próprio *blog*, tema central deste trabalho. Antes de abordar, na prática, o que os *blogs* podem oferecer para o ensino de línguas estrangeiras online, contudo, é importante ter claro o conceito de *blog* e o cenário de sua emergência.

WEB 2.0 E BLOGS

Em 17 de dezembro 1997, Jorn Barger, um programador aficionado pelas novas tecnologias que então despontavam com a Internet, começou a escrever microartigos diários em seu *Robot Wisdom Weblog*, dando início, sem o saber, à febre que se espalharia pelo mundo: o *blog*! O nome *blog*, como se pode notar, é uma redução do título criado por ele: *weblog* ou registro da web. Desde então, o *blog* tornou-se uma forma de expressão e um importante meio de divulgação de informações. No mundo todo, hoje em dia, pessoas utilizam-se de *blogs* para compartilhar suas ideias. Em muitos países com regimes de governo totalitários ou imersos em constantes conflitos, os *blogs* tornaram-se a única fonte de informação fidedigna, através de blogueiros ou *bloggers* (do inglês) que, muitas vezes arriscando a própria vida, atrevem-se a expor ao mundo acontecimentos impressionantes aos quais a imprensa convencional não consegue ter acesso.

Inicialmente, na época de Barger, os registros escritos, chamados usualmente de *posts*, eram de via única, isto é, o autor escrevia a informação e esta era lida pelas pessoas sem a mínima possibilidade de intervenção. Com o surgimento da Web 2.0, porém, tudo mudou. Web 2.0 é como se chama a segunda geração de ferramentas da Internet, que, em linhas gerais, acumula diversos serviços que têm como base o princípio da colaboração, da divisão/multiplicação do conhecimento. Hoje em dia, em se tratando de *blogs*, os leitores são também autores, com possibilidades de escrever seus próprios comentários, expor suas impressões e, em algumas circunstâncias, inclusive ampliar e modificar o que foi escrito. É a escrita colaborativa ou o que Lemos (2005) chama de remixagem (conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, *cut-up* de informação a partir das tecnologias digitais). É assim que as novas TICs modificam os processos de

comunicação, de produção, de criação e de circulação de alguns gêneros, trazendo uma nova configuração cultural: a “ciber-cultura-remix” (Lemos, 2005).

Para Gotts (2006) *blogs* são diários pessoais escritos e publicados na Internet que podem ser vistos por outras pessoas que estão habilitadas a comentar as postagens feitas pelo autor. Estas postagens, como observa, são colocadas de maneira cronológica invertida, ou seja, a última mensagem postada pelo dono do *blog* é a que aparece em primeiro lugar. Bartlett-Bragg (2003) complementa este conceito dizendo que a palavra *blog* pode ser entendida como um substantivo e também como um verbo. Como mencionado anteriormente, as pessoas que escrevem nos *blogs* são conhecidas como *bloggers* ou *blogueiros* e a atividade de participar de *blogs* é conhecida como *blogging* ou *blogar*. Além disso, o conjunto de *blogs* encontrados na rede é chamado de *blog-o-sphere* ou *blogosfera*. A autora argumenta que o sucesso dessa *blogosfera* pode estar relacionado com a facilidade de criar e de manter um *blog*, pois o *blogueiro* não precisa ter conhecimentos específicos de linguagem hipertextual nem conhecer complexos códigos de programação.

Convencionalmente, nos *blogs*, como aponta Bartlett-Bragg (2003), aparecem pequenas entradas, atualizadas com frequência, que normalmente fazem referência a outra fonte ou site, através de hiperlinks para páginas externas ou mesmo para outros *blogs*. É o próprio software dos *blogs*, como afirma a autora, que determina o arquivamento das mensagens através de links permanentes na página eletrônica, possibilitando interação com postagens mais antigas, relacionadas por data, tópico ou apenas de forma cronológica invertida.

Coutinho e Bottentuit Junior (2007) apontam que o grande número de *blogs* que prolifera a cada ano é uma representação clara da mudança de paradigma estabelecida pela nova geração da Internet. Os *blogs*, como afirmam os autores, são espaços fundamentais capazes de promover interação e dividir/multiplicar conhecimento. Os textos publicados em *blogs* estão assumindo tal importância que está surgindo o IBSN (Internet *Blog* Serial Number), ou seja, um número de indexação para garantir o direito dos autores de *blogs* sobre suas produções postadas e forçando a que sejam feitas referências aos textos e outros materiais disponibilizados no *blog* (Coutinho e Bottentuit Junior, 2007).

A quantidade e a variedade de tópicos dos *blogs* são tantas que podemos ver aí o eco das palavras de Tapscott e Williams (2007, p. 56), ao afirmarem que “Centenas de comunidades com interesses específicos estão se formando e, dentro delas, as pessoas trocam animadamente informações e opiniões a respeito de qualquer coisa, de tricô a nanotecnologia”. Esses mesmos autores fazem uma análise reveladora sobre a natureza dos *blogs* e sua disseminação no mundo:

Hoje, o fenômeno dos *blogs* aponta para as mudanças mais profundas que a nova web causará na economia. Os *blogs* foram descritos como a maior cafeteria do mundo. Eles traçam a cada momento um retrato dos pensamentos e sentimentos das pessoas a respeito do que está acontecendo agora, fazendo com que a web deixe de ser uma coleção de documentos estáticos e passe a ser uma conversa em andamento. Os anunciantes já entenderam isso e criaram os seus próprios *blogs* para conversar com os clientes que estiverem interessados. As empresas usam *blogs* como grupos de discussão, regularmente “prestando atenção” no que as pessoas estão dizendo a respeito da empresa ou dos seus produtos. (Tapscott e Williams, 2007, p. 55)

Se os *blogs* afetam tanto a economia e a sociedade de modo geral, é evidente que a educação, como área eminentemente criativa e dialógica, não pode ficar de fora desta nova maneira de se comunicar. Na próxima seção, fazemos uma breve reflexão sobre os enormes potenciais educativos dos *blogs*, em especial no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

ENSINAR E APRENDER COM BLOGS

Em artigo de 2006, Gotts descreve o uso de *blogs* em um curso de *e-learning* para professores e reflete sobre os benefícios que essa ferramenta gera no processo de ensino-aprendizagem. Em sua prática, os professores participantes desenvolveram materiais on-line e pensaram em estratégias de uso do *e-learning* para utilizar com seus próprios alunos. Entre os inúmeros experimentos e com os respectivos resultados que se obtiveram, a autora pode comprovar que o avanço dos estudantes torna-se mais eficiente e prazeroso com o uso dos *blogs*, pois estes contribuem para a formação de verdadeiras comunidades on-line, cujos integrantes

se ajudam uns aos outros, através da troca de informações e pela contínua motivação mútua.

Embora não fale especificamente sobre o ensino de línguas, Bartlett-Bragg (2003) escreveu um artigo no qual ilustrou o fenômeno dos *blogs* e apresentou algumas opções para integrar estas ferramentas em práticas pedagógicas reflexivas. A autora assinala que o meio educacional (academia, pesquisadores, alunos e professores) aceita o uso dos *blogs* e que eles são uma fonte de enriquecimento, dando oportunidade aos alunos de terem uma aprendizagem mais profunda, reflexiva, contextualizada, ao invés de uma aprendizagem superficial.

Alguns usos educacionais do *blog*, na perspectiva de Bartlett-Bragg (2003), são usar o *blog* em grupo, publicações escritas, notas de campo e jornais de práticas profissionais, publicação de opiniões pessoais, *blogs* acadêmicos, jornais de pesquisas e jornais de aprendizagem. Mesmo não falando sobre a formação de professores de línguas estrangeiras e menos ainda de ensino de línguas estrangeiras com outras propostas, as idéias apresentadas pela autora são de grande utilidade para este fim. Sobre o uso de *blog* em grupo, a autora aponta que é prática bastante frequente quando a instituição não possui os recursos para discussões em fóruns, por exemplo. Uma alternativa dada pela autora é usar o *blog* com um grupo de alunos e compartilhar pequenos textos dando oportunidades de que estes alunos comentem os textos. Esta atividade pode ser usada em níveis iniciais de aquisição de línguas pelos professores em formação ou estudantes de línguas, uma vez que a netiqueta dos *blogs* pede textos não muito longos. Os pequenos comentários da turma em geral seriam um pontapé inicial para o uso de *blogs* em sala de aula de língua estrangeira.

Já sobre as publicações escritas, Bartlett-Bragg (2003) argumenta que o *blog* também tem sido usado com a finalidade de publicar a escrita de alunos, como se fosse um gênero emergente. Essa prática, segundo a pesquisadora, pode ser usada em disciplinas de línguas, onde o aluno poderá praticar suas habilidades escritas. Com relação às notas de campo e jornais de práticas profissionais, a autora conta que alguns colegas de diferentes universidades do Reino Unido a tem contatado para dividir o sucesso que vêm obtendo com o uso de *blogs* para divulgação e arquivamento de suas experiências durante alguma pesquisa para as disciplinas que desenvolvem. É neste sentido que a autora afirma que é possível ter um nível de

aprendizagem mais reflexivo e profundo, pois os alunos publicam suas experiências com o intuito de contribuir para a profissão. Muitas vezes, suas pesquisas servem de referências para colegas de outras universidades que dão sequência ou outros enfoques ao que já foi realizado, aprofundando a compreensão sobre determinada área de pesquisa.

Bartlett-Bragg também relaciona o uso de *blogs* para a publicação de opiniões pessoais, que no nível educacional poderia funcionar como um meio para publicar opiniões sobre assuntos acadêmicos, por exemplo, com breves comentários dos alunos, objetivando que os colegas possam entrar em seus *blogs* e fazer parte da discussão, criando, assim, uma interessante rede de debates. Aqui entrariam também os *blogs* com críticas de cinema ou de literatura, em que estudantes de línguas estrangeiras podem desenvolver discussões muito frutíferas. Já sobre os *blogs* acadêmicos, a autora cita Glenn (2003), que indica alguns usos do *blog* pelos acadêmicos. Um dos argumentos em favor do uso de *blogs* é a oportunidade de interagir com uma audiência diversificada e também a possibilidade de se ter maior rapidez de *feedback* dos interlocutores.

Com o jornal de pesquisas, a autora ressalta que acadêmicos podem dividir algumas questões, hipóteses, objetivos, informalmente, com a intenção de receber contribuições antes mesmo que um artigo final, por exemplo, seja publicado. Os jornais de aprendizagem, por fim, podem ser entendidos por sua diferenciação com relação aos fóruns de discussão ou listas de e-mails, já que o conteúdo é responsabilidade do autor. É ele quem deve pensar sobre qual assunto vai escrever e como vai convencer seu público de que leia e comente sua postagem.

Além das sugestões levantadas por estas autoras, há, evidentemente, um universo de possibilidades a serem exploradas. Desde as séries fundamentais até os diferentes níveis universitários, a aprendizagem de línguas estrangeiras pode aproveitar-se de *blogs* através de projetos que tornem a língua um instrumento concreto de comunicação, escapando do ensino tradicional que trata a aprendizagem de uma língua estrangeira como um fim em si mesma. É muito mais significativo para os alunos, por exemplo, desenvolver um *blog* para divulgar, na língua meta, os atrativos turísticos de sua cidade do que preencher os tradicionalíssimos *gaps*. Seus alunos são crianças que se interessam por contos infantis? Por que não aproveitar esta tendência e trabalhar a língua alvo através de

um *blog* em que eles poderão além de escrever, ilustrar e fazer referências com links a seus heróis preferidos? A prática demonstra que isso gera muito mais interesse que uma folha de papel em branco esperando para ser preenchida com uma redação. Já se os alunos são adolescentes ou adultos, há inúmeros projetos e temáticas que podem ser desenvolvidos com o uso de *blogs*. Os próprios professores em formação que cursam uma licenciatura em língua estrangeira, hoje em dia, sentem-se muito mais motivados a criar com a língua alvo através dos meios digitais que a simplesmente resolver exercícios impressos. Evidentemente, não pregamos um abandono total, imediato e desesperado de velhos métodos, mas como professores é importante que oportunizemos novas maneiras de aprender e ensinar a nossos estudantes, maneiras estas que estejam de acordo com a época em que vivemos.

Claro que o que temos aqui não passa de um conjunto brevíssimo de ideias que podem e devem ser exploradas e ampliadas. As possibilidades do uso de *blogs* na educação transcendem o que pode ser exposto no papel, já que o meio digital é tão maleável quanto a criatividade do seu usuário. O importante é ter claro que no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras os *blogs* podem servir como uma ferramenta útil e motivadora, desde que aproveitada com critério e responsabilidade.

COMO MONTO MEU BLOG?

Diante de todas estas possibilidades, sem dúvida, resta a questão prática. Muitos professores realmente têm vontade de utilizar esses recursos tecnológicos, porém sentem-se inseguros por, dizem, não terem a qualificação técnica necessária. A verdade é que a montagem de um *blog* é das atividades mais simples com as quais podemos nos deparar na Internet. Além de configurar-se como um exercício quase que totalmente intuitivo, em geral os provedores de hospedagem apresentam tutoriais passo a passo para a construção dos *blogs*. Como se não bastasse, o YouTube conta com uma série de tutoriais em vídeo, que facilitam em muito esta experiência, além do que, dentro do espírito colaborativo que anima a própria

Internet, sempre podemos contar com a ajuda de nossos alunos *Homo Zappiens* quando tudo o mais falhar.

Entre os sites gratuitos de hospedagem de *blogs*, queremos destacar o *Blogger* (<https://www.blogger.com/start>), o *Wordpress* (<http://pt-br.wordpress.com/>) e o *Blogorama* (<http://www.blogorama.com.br/>), apenas para citar alguns exemplos. Há muitos outros, talvez não tão populares, que podem ser utilizados. O *Blogger* é, talvez, a ferramenta mais tradicional e que nos últimos tempos incorporou o bem conhecido *Blogspot*. É uma das várias ferramentas Google, como o *GoogleDocs*, o *GoogleSites* e o *Orkut* e, por isso, apresenta uma possibilidade bastante ampla de interconectividade com outras plataformas. Já o *Wordpress* tem ganhado espaço ultimamente. Sem exigir que se tenha uma conta de e-mail específica, como o *Blogger* que exige uma conta *GMail*, apresenta recursos de uso muito simples, criando um resultado agradável e funcional. Por fim, o *Blogorama* apresenta a restrição – que por alguns pode ser vista como vantagem – de criar *blogs* necessariamente inscritos dentro de uma determinada categoria: *loveblog* para *blogs* que falam de amor, *futblog* para *blogs* que tratam de futebol, *receitablog* para os de culinária etc.

Outra possibilidade é a de se fazer uma busca apenas de *blogs*, como na Pesquisa de *Blogs* do Google (<http://blogsearch.google.com/>). Colocando a palavra educação, por exemplo, na Pesquisa de *Blogs* do Google, é possível filtrar a busca para os *blogs* atualizados na última hora ou nas últimas 12 horas. Esse recurso pode ser útil se pensamos em um projeto em que nosso *blog* ou os *blogs* de nossos alunos possam dialogar com outros disponíveis na rede.

MÍDIAS INTEGRADAS

Outra vantagem do uso de *blogs* para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras é a possibilidade de integração de mídias. Indo muito além do caráter bidimensional do tradicional texto impresso, quando construímos um *blog* é possível integrar a ele imagem e som. Ilustrações, arquivos de áudio e vídeos de acesso fácil e grátis pululam na Internet e os provedores de *blogs* apresentam recursos extremamente simples para integrar esses recursos às páginas do nosso *blog*. Em

geral, sabendo o endereço onde se localiza o objeto que queremos integrar, não é necessário mais que o uso de um botão para fazer o enlace.

Obviamente, o uso desses recursos esbarra na Lei de Direitos Autorais. Ainda que muitos creiam que a Internet é “terra de ninguém”, como formadores e educadores temos a responsabilidade de usar exclusivamente materiais livres de direito. Ainda assim, uma simples busca no Google nos permite ter acesso a um sem número de sites que provêem imagens grátis, sejam estas, desenhos (cliparts), fotos, ou mesmo imagens em movimento, os chamadas *gifs* animados.

Com relação a áudios, também existem vários sites que autorizam o uso de seus arquivos desde que se mencione a autoria. Para o ensino de língua espanhola, por exemplo, os sites Audiria (<http://www.audiria.com/index.php>), Radialistas (<http://www.radialistas.net/>) e Radioteca (<http://www.radioteca.net/>) apresentam possibilidades interessantes. Para os que querem gravar seus próprios arquivos de áudio e disponibilizar em seu *blog*, há programas gratuitos facilmente encontrados na rede e que são de simples manuseio, como é o caso do Audacity (<http://audacity.sourceforge.net/?lang=pt>).

Em termos de vídeo, não se pode negar que o YouTube com a enorme variedade de vídeos que são disponibilizados diariamente em um sem fim de idiomas é uma ferramenta capaz de potencializar o ensino de línguas estrangeiras de maneira geral, desde que professores tenha conhecimento dessa ferramenta e que, claro, as escolas facilitem o uso dessas ferramentas aos seus professores e alunos. Infelizmente, não é incomum que escolas e mesmo universidades bloqueiem o uso do YouTube, preocupando-se com o que ele pode trazer de negativo e fechando os olhos para suas infinitas possibilidades.

Para Rodrigues, o YouTube é

umas das ferramentas que melhor define a Web 2.0, uma revolução social que acontece de forma rápida e inevitável, por um lado, devido aos avanços tecnológicos, por outro, devido à própria predisposição dos cidadãos para desta forma participem e darem uso às várias ferramentas que têm ao seu dispor (RODRIGUES, 2007)

O melhor de tudo é que, em geral, de uma forma muito simples, com um mero pressionar de botão e um exercício mecânico de copiar e colar o endereço em que se encontra o vídeo, este pode ser incorporado ao nosso *blog* e servir de motivo

para uma série de exercícios interessantes, contextualizados e reflexivos sobre a língua que se está estudando. Além disso, claro, nada impede que com uma *webcam* e alguns programas simples que em geral acompanham o equipamento possamos criar nossos próprios vídeos para incluir no *blog*.

Até aqui, portanto, uma rápida visão dos recursos multimídia que estão disponíveis diante de nossos olhos e que, contextualizados por um *blog*, podem incrementar consideravelmente uma aula de língua estrangeira.

CONCLUSÃO

Do aluno moldado e massificado ao estilo *Another brick in the wall*³ ao agitado e curioso *Homo Zappiens*, nossa sociedade tem passado por transformações intensas que mudam substancialmente nossa maneira de interagir com o mundo e, sobretudo, com o outro. Infelizmente, apesar dos inegáveis e louváveis esforços que existem Brasil afora, em geral a educação não conseguiu acertar o passo com a vertiginosa espiral de mudanças provocadas sobretudo pelas modernas tecnologias.

Que o professor moderno, fruto das gerações que precederam o *Homo Zappiens*, tenha dificuldades em lidar com tecnologias é algo aceitável. Que faça dessa dificuldade uma desculpa para aferrar-se a práticas ultrapassadas, descontextualizadas e pouco significativas para os alunos, por outro lado, é uma atitude incompreensível. Como professores, formadores, educadores, temos que ir, como diz a canção, “onde o povo está”, isto é, falar a linguagem dos nossos alunos, interagir com eles, tocá-los naquilo que lhes é importante, concreto e compreensível. Ajudá-los a construir conhecimento, mas partindo de suas experiências de vida, daquilo que lhes é familiar, e hoje, nada é mais familiar para a nova geração de estudantes que as novas TICs e entre elas, claro, os *blogs*. Conforme afirmam, por exemplo, Rosa e Islas:

Uma das grandes vantagens do uso de *blogs* na área docente é que a maioria dos alunos os adota com facilidade, já que vêem neles não só uma ferramenta de trabalho interativa, mas também a oportunidade de criar uma comunidade de interesses, mais do que as próprias equipes de trabalho. (ROSA e ISLAS, 2009)

Isto para citar apenas uma referência das inúmeras que existem hoje em dia e que remetem à importância do uso de tecnologias na educação, muitas das quais já consagradas, como Moran e, mais especificamente quando se fala em ensino de línguas, Leffa e Vera Menezes.

É chegada a hora de botar por terra a velha parábola do homem medieval que magicamente desperta em nossos tempos e, assustado ao ver as profundas modificações por que passou o planeta, só se vê acolhido e protegido na escola, último bastião do conservadorismo. Já passa da hora de mudar nossa maneira de atuar como docentes, aproximando-nos de quem realmente importa, que é o aluno, pois como diz Leffa (2009) no título de um de seus artigos: “Se mudo, o mundo muda”.

POSTEANDO Y APRENDIENDO: EL USO DE *BLOGS* EN LA EDUCACIÓN CON ÉNFASIS EN LA ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DE LENGUAS EXTRANJERAS

RESUMEN

La generación de estudiantes que llega hoy al salón de clases vive en una sociedad dominada por las modernas tecnologías de comunicación e información (TICs), es lo que Veen y Vrakking (2009) llaman generación *Homo Zappiens*. Son jóvenes que no se contentan con las clases tradicionales y claman por usar en la escuela aquello que les es tan familiar y significativo en su vivir diario, como los recursos de Internet, por ejemplo. Desde este punto de vista, el uso de *blogs* en la educación, más específicamente en la enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras, se muestra una salida interesante en lo que se refiere a recursos y motivación. En este artículo, discutimos las posibilidades de uso de *blogs* para enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras, señalando algunas maneras de utilizarlos que sean significativas para los alumnos y que puedan ser aprovechadas por los profesores con fines didácticos concretos. Además de eso, llevamos la discusión también a un nivel técnico, enseñando, de manera simplificada, algunas herramientas que permiten la creación de *blogs*, y las posibilidades de integración de

diferentes medias, como arquivos de audio y videos. Por fin, concluimos poniendo énfasis a la importancia de que el profesor se adapte a los nuevos tiempos en que vivimos, haciéndose capaz de cambiar su práctica pedagógica para llegar a quien realmente nos interesa como educadores: el alumno.

Palabras-clave: Tecnologías. Blogs. Educación. Enseñanza-Aprendizaje de Lenguas Extranjeras.

NOTAS

- ¹ Professor de Língua Espanhol e Lingüística Aplicada com ênfase em tecnologias na educação
- ² Professora de Língua Espanhol e Lingüística Aplicada com ênfase em tecnologias na educação
- ³ Canção de 1979 do grupo de rock progressivo Pink Floyd cujo filme, de 1982, retratava em uma cena em animação aos jovens estudantes sendo moldados como apenas mais “outro tijolo no muro”.

REFERÊNCIAS

- BARTLETT-BRAGG, A. *Blogging to Learn*. Australian Flexible Learning Framework. *The Knowledge Tree*. Disponível em: http://knowledgetree.flexiblelearning.net.au/edition04/pdf/ Blogging_to_Learn.pdf Acessado em setembro de 2008. 2003
- COUTINHO, C. M. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. *Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0*. In: IX Simpósio Internacional de Informática Educativa (SIIE 2007), Porto. *Actas do IX Simpósio Internacional de Informática Educativa*. Porto – Portugal : Instituto Politécnico do Porto, 2007. p. 199-204. Disponível em <http://siie2007.esse.ipp.pt/?id=pt> 2007
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p.
- GLENN, D. *Scholars Who Blog*. *The Chronicle of Higher Education*, June 6, Retrieved 30 September from <http://www.chronicle.com> 2003
- GOTTS, A. *Blogging at the chalkface*. Australian Flexible Learning Framework. *The Knowledge Tree*. Disponível em: <http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2006/wp-content/uploads/2006/09/Gotts.pdf> acessado em agosto de 2008. 2006

JOHNSON, S. *Surpreendente! A televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 216 p.

LEFFA, V. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *Produção de materiais de ensino: prática e prática*. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 15-41.

LEFFA, Vilson J. Se muda o mundo muda: ensino de línguas sob a perspectiva do emergentismo. *Calidoscópico*, Vol. 7, n. 1, p. 24-29, jan/abr 2009.

RODRIGUES, C. *A presença do youtube nos media – razões e conseqüências*. Comunicação apresentada no 5º Sopcom – Comunicação e Cidadania, Universidade do Minho, Braga, 6 a 8 de setembro de 2007. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/9569076/rodriguescatarinayoutubenosmedia>

ROSA, H. A.; ISLAS, O. Contribuição dos *blogs* e avanços tecnológicos na melhoria da educação. In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (orgs.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 161-178.

TAPSCOTT, D; WILLIAMS, A. *Wikinomics*. Como a Colaboração em Massa Pode Mudar o Seu Negócio Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 368 p.

VEEN, W.; Vrakking, B. *Homo Zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 140 p.